
"A CRIANÇA NO SER": INFÂNCIA, INTERTEXTUALIDADE E PERFORMANCE ENTRE CRIANÇAS ARTISTAS E SEUS FAMILIARES EM RECIFE

Rita de Cácia Oenning da Silva

Doutora em Antropologia Social e pesquisadora independente – Brasil

Resumo: O artigo apresenta e discute o modo como crianças e adolescentes artistas de Recife e seus familiares entendem e dão sentido à infância como fase da vida. Ser criança está relacionado a uma série de argumentos que envolvem noções de corpo, idade, experiência, performances e responsabilidades assumidas por uma pessoa ao longo da sua biografia, e se confunde com o argumento “criança no ser”. “Criança” se revela como uma rede semântica, que agrega e negocia sentidos e noções de diferentes universos e atores, mostrando a intertextualidade presente na sua elaboração.

Palavras-chave: antropologia da criança, infância, intertextualidade, performance.

Abstract: This article presents and describes the way that child and teenage street artists and performers in Recife, as well as their families, understand and give meaning to childhood as a phase of life. To be a child is associated with a series of arguments about the body, age, experience, performance, and responsibilities take on by people over the course of their lives. “To be a child” is quickly confused with “the childhood in being”. These cultural discourses and practices reveal the word “child” to be a semantic network that brings together and negotiates meanings and ideas from different semiotic universes and different social actors, showing the intertextual way that the concept of “childhood” is created.

Keywords: anthropology of child, childhood, intertextuality, performance.

Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando.

Guimarães Rosa

Intertextualidade

Durante a pesquisa de campo junto a crianças e adolescentes artistas e seus familiares em Recife, em 2006 e 2007,¹ as perguntas sobre fases da vida eram recebidas com olhares pensativos, mas quase nunca ficavam sem resposta. Indagavam-se sobre sua própria experiência, a experiência de parentes e conhecidos, sobre diferenças e semelhanças entre diferentes biografias e sobre o que pensavam ser a fase que viviam; ou seja, o vivido era também pensado (Peirano, 2001).

Logo que comecei a pesquisa sobre crianças *performers* em Recife, a indagação de uma das informantes, “Criança em termos do que mesmo, Rita?”, me ensinou que para falar de “meninos”² é preciso ter algum parâmetro, já que ser criança não é somente uma fase da vida.

“Pirraia” e “menino” são termos usuais no grupo pesquisado para se referir a quem é ainda considerado criança. Apesar de haver utilizado o termo “criança” para iniciar conversas e perguntas ao grupo, depois de algum tempo foi ficando claro que “criança” é um termo mais genérico, que usam em determinadas ocasiões, mais especialmente quando falam com pessoas fora do grupo. “Pirraia” é um termo êmico mais afetivo, usado para e entre próximos, e remete a uma série de aspectos diferenciados do “ser criança”. É também um termo de chamamento: “ô, pirraia”; “o pirraia ali”. Ouvi com muito mais frequência o uso desse termo entre jovens e crianças, e muito raramente entre adultos. “Menino” parece se assemelhar ao termo “pirraia”, mas notei ser menos ligado ao afeto. Usa-se normalmente quando se quer falar genericamente, proferir xingamentos, ou quando se quer chamar alguém do grupo de quem não se recorda o nome. Essa diferenciação nos termos parece vir da capacidade que têm de cruzar vários mundos ao mesmo tempo, lidando com diferentes universos de fala. Foi preciso aprender a usá-los e perceber em qual contexto

¹ A qual resultou na tese *Superar no movimento* (Silva, 2008).

² Termo nativo usado para referir-se a crianças.

seriam apropriados. Mas o que suas experiências e suas falas sobre infância expressam? Quais os temas mais frequentes em suas conversas?

Um *rap* produzido por uma garota para o CD *Ato periférico* teve como tema: “Criança, o que é ser criança?” A letra se vincula com a política nacional da criança, bem como com o que elas entendem e vivenciam no cotidiano.

É apenas mais um elemento dessa vida sem esperança, sofrida e desesperadora? Será que é isso que merecemos? Não, pois nós somos o futuro desse mundo obscuro, que nos interrompe de ver aos montes os nossos direitos. Direitos de viver, de sonhar, de crescer e estudar. Por isso estamos aqui hoje, fazendo um ato periférico para dizer que nunca vamos nos calar, nos calar, nos calar...

Quando a compositora fez a música eu passava muito tempo com ela, que além de ser dançarina desde os seis anos de idade era mãe de duas das crianças nas quais prestei especial atenção. Dois aspectos chamaram a atenção na letra da música: o primeiro era que a compositora tinha dito que desde os cinco anos de idade deixara de ser criança, já que trabalhava para se sustentar, e na letra ela se coloca como criança, embora tivesse 17 anos. O segundo tema foi a relação da letra com as políticas públicas globalizadas sobre a infância – a infância como direito. Havia nessa letra uma forte reflexividade do que está em pauta nas políticas públicas mundiais, bastante globalizadas especialmente por instituições como Unicef, ONU, etc., e que chegam ao grupo pesquisado pelos discursos das políticas públicas e pelo trabalho de ONGs que atuam no bairro. Então, criança, na letra do *rap*, não era alguém, mas um “elemento dessa vida sem esperança, sofrida e desesperadora”. Tal concepção parece baseada especialmente nos direitos universais, como aponta Caldeira (2002), e, nesse caso, defendendo uma infância universalista.

Além dessa reflexividade, era possível observar no discurso deles, como propõe Minks (2006, f. 2), níveis de sobreposição (*overlappings*) de intertextualidade, que são constituídos de diferentes discursos em diferentes meios, do contato com diferentes atores sociais com quem interagem no cotidiano. Usando a definição feita por Richard Bauman e Charles Briggs (1990), Amanda Minks (2006) propõe que intertextualidade não é uma propriedade formal de textos fixados, mas um processo comunicativo criando relação entre *corpus* de discursos.

No campo, quando falavam de criança, apontavam para aspectos da sociedade, da vida comunitária, do que entendem do discurso vigente estatal

(pelos agentes sociais estatais e pelas políticas públicas em relação ao que se espera e se quer para as crianças) ou não governamental, dos meios de comunicação, especialmente rádio e televisão, do modo como veem a si mesmos, de como entendem a si mesmas dentro de suas experiências de vida. Suas respostas não eram repetições de ideias prontas, mas *overlappings* de mundos e discursos distintos, incluindo sua própria experiência de vida. Os “pirraias” usam a *performance* para elaborar esse *overlapping*, para mediar entre a definição mais tradicional ou comunitária de “ser menino” e ideias mais globalizantes da infância e seus direitos. Veremos, a seguir, alguns aspectos que mostram diferentes sentidos, e como a *performance* parece surgir como um campo onde essas concepções se friccionam e, ao mesmo tempo, se expõem.

Adulto em criança, criança em adulto

Assim que entrei na casa de Lúcia, moradora do bairro de Santo Amaro, encontrei com uma das suas sobrinhas, uma menina de cinco anos. Com uma expressão séria, a menina me recebeu e chamou a “dona da casa”. Depois, sentada num banquinho perto de nós, acompanhava atenta a conversa que se desenrolava entre mim e Lúcia sobre a viagem que seu filho faria para participar de uma apresentação de *breakdance* e dança popular na França e Bélgica. Quando a menina saiu, Lúcia deixou-a passar e disse que gostava muito daquela sobrinha, porque ela, ainda com cinco anos, era muito responsável: “Eu não digo na frente dela pra não ficar [con]fiada, mas ela é assim – faz tudo certinho; ninguém precisa dizer a ela o que deve fazer. Aí, pra mim é o quê? Pra mim ela é uma adulta, já.”

A mesma questão surgiu numa conversa com Vilma, de 17 anos de idade, que disse que deixou de ser criança aos cinco anos, quando começou a cuidar de si, a entender o quanto custava sustentar uma casa e “sustentar uma pessoa”. Sustentar uma pessoa, seja a si mesmo ou uma outra, ou ter um filho, são aspectos considerados cruciais para se deixar de ser considerado criança. A frase: “Oxe, minha gente, quem faz menino, é mais menino não”, pronunciada numa conversa entre moradores do bairro do Arruda, parece deixar claro esse ritual de passagem, mais do que ter certa idade.

Vilma afirmou, com orgulho estampado nos olhos, que aos sete anos comprou o primeiro sapato, da cor que queria, com o seu próprio dinheiro; disse também que foi nesse período que a avó (mãe de criação) e sua mãe de

parto “deixaram de comprar coisas” para ela. Ganhava seus próprios recursos vendendo picolés com uma pequena caixa de isopor. Disse que pegava ônibus logo de manhã cedo e voltava para o horário de ir à escola.

Daí assumi minha vida. Ia pra escola, trabalhava, comprava meus cadernos, meu lanche... Eu comprava os cadernos com a capa que queria, não tinha esse negócio da mãe escolher pra mim, não.

Analisando a diferença entre crianças de idades distintas, Vilma diz que o “mais criança” de sua família seria um primo, que nascera no dia anterior. Para Vilma, ele é o que chama de inocente: “Ainda não sabe distinguir as coisas e não sabe o que é bom e o que é ruim.” Já seu filho adotivo, de dois anos de idade, diz que “é ainda uma criança, mas nem tanto. Já é entendido; já tem conhecimento de algumas coisas e, às vezes, quer fazer de conta que não sabe, para não precisar agir como se deve.” A diferença entre seu primo e seu filho parece ser que o primeiro é “inocente”, e o segundo é “entendido”, ou seja, já tomou conhecimento de determinadas regras sociais. Com poucos anos, uma pessoa já pode assumir responsabilidades. A partir do momento em que se torna “entendida” a pessoa tem que fazer uso desse conhecimento. Se fazer de “desentendido” é considerado atitude maliciosa.

Fiapinho, de 16 anos, contou, no mesmo sentido que Vilma, que tomou conhecimento que não era mais criança aos cinco anos de idade. Tornou-se consciente de que a família não podia sustentá-lo e saiu “pelo mundo, como carroceiro, juntando lixo para se sustentar, e daí pra frente sabia que não era mais criança”. Fiapinho hoje é um dos melhores *performers* do grupo, mas afirmou diversas vezes que foi carregador de lixo, que sofreu muito na vida, que nem teve infância como viu que os demais “meninos” tiveram. Comentou que:

Assim, a partir de cinco anos pra mim eu já não era criança porque eu já tomava conta da minha vida. Eu já me virava, pegava latinha, ia pra maré catar marisco, se acordava cinco horas da manhã pra catar lixo, puxar a carroça, ia pro sinal vender pastilha, pro *show* vender pastilha também. Com quatro anos eu era criança ainda, e ali eu não sabia ainda as coisas da vida. A partir de cinco anos eu já vim aprendendo já, já via as coisas muito ruim, coisas boas.

Um outro garoto, de 12 anos de idade, que começara a se envolver com uma gangue do bairros onde mora, diz que aos dez anos “parou de brincar de

brinquedo”. O que o diferencia de antes não é que não brinca, mas que brinca agora não com objetos externos, mas mais com o próprio corpo, já que suas *performances* são para ele ao mesmo tempo brincadeira e trabalho. Também afirmou que “antigamente, aos dez anos mais ou menos”, sua mãe precisava lavar sua roupa, além de trabalhar fora. Agora ele mesmo lava suas roupas, arruma a casa. Diz que antigamente ficava muito na rua, mas agora está mais na casa da madrinha, e dali vai para sua casa, da sua casa para a praça participar das oficinas do grupo Pé no Chão: “Não fico andando por aí.”

Para uma das dançarinas do grupo, a experiência da viagem ao exterior foi o que a fez mudar de mentalidade. “A partir do momento que comecei a viajar, cada vez que eu voltava da viagem eu voltava com mais cabeça e inteligência. Aos dez anos eu não tinha mais aquela mentalidade de criança.” Perguntei a ela o que era ter mentalidade de criança, e ela respondeu da seguinte forma:

Assim, você já tá com 15 anos e só fica dizendo besteira, não pensa no amanhã, no futuro, só fica no passado. É sempre bom a gente brincar, né? Mas mentalidade de criança tem hora pra ter ela, cara. Porque se tem ela na hora errada, você vira uma criança completamente. Pode estar com 60 anos, mas não sabe de nada. Assim é mentalidade de criança. Por exemplo, numa oportunidade que eu tive de viajar pra Itália, aí eu fico de brincadeira... A parada aqui tem que ser séria. Tá a fim de ir, vai ter a responsabilidade de chegar lá... se não tiver, diga logo.

Vamos ver, entretanto, que o tema é muito mais complexo e pode variar dependendo de quem narra, de quais experiências teve, e de como narra sua história. Se para os narradores citados, na maioria entre dez e 18 anos, uma pessoa pode deixar de ser criança antes do esperado, para outras, pode-se voltar a mostrar-se criança quando já adulta. Cícera, de 37 anos, moradora de Santo Amaro, dissocia a categoria de idade, tamanho e fase de vida. Para ela, o sentimento é o mais importante. Diz que foi possível “ser criança agora depois de velha”. A frase é bastante significativa. Cícera não separa as duas fases da vida, mas propõe uma sobreposição das mesmas: é possível estar em uma, sentindo viver a outra; por outro lado, sua fala propõe que se pode estar numa das fases sem se sentir nela, como fica evidente em seu relato:

Quando eu era pequena, minha vida era só carregar água, pedir na Igreja. Aquilo era vida de criança? Era não!!! Eu me sinto mais criança agora que naquela época, quando era pequena.

Nalva, sua vizinha, afirma que está aprendendo a mostrar o seu lado criança com Cícera, porque desde que se separou sente-se muito sozinha, e com Cícera está aprendendo a dançar brega, a dizer bobagens, a brincar com os outros... “coisas que eu não fazia mais, não”. Terezinha, outra colega de Cícera, também me disse que agora, com 38 anos, sente-se criança. Diz que nunca deixou de se divertir, de ser brincalhona, “de fazer bestalhece”. Por isso, acha que realmente nunca deixou de ser criança. Fala disso com orgulho nos olhos, afirmando que “a pessoa tem que saber viver bem, saber brincar, saber aproveitar bem a vida”.

Perguntei tanto a essas duas informantes quanto a outras mulheres que afirmaram não ter deixado de ser criança, o que era ser criança. Todas as respostas dadas evocavam a ideia de saber brincar, de contar piadas, de estar aberto a aprender novas coisas, de viver bem a vida, não passar muito trabalho, fome, sentir-se feliz, dizer “tontice” aos vizinhos.

Nas conversas, elas, em grande parte, avaliam ter tido infância curta quando eram pequenas. Na maioria das vezes diziam que faziam trabalho cuidando de outras crianças, ou como domésticas na casa de pessoas com mais recursos que suas famílias, vendendo quitutes etc. Apontam esse fato como o que fez aquela fase ser de muita responsabilidade e algumas vezes, inclusive, de muito sofrimento.

No entanto, essa capacidade de voltar a ser criança quando adulto parece indicar que o que mais importa é como uma pessoa se sente e não a idade que tem; para sentir-se como uma criança deveria se sentir feliz, alegre, brincalhona, embora assumindo suas responsabilidades. Todas as informantes citadas que dizem ter conquistado sua infância depois de terem tido filhos são muito respeitadas por serem batalhadoras e responsáveis, o que não quer dizer que por isso tenham deixado de cumprir com suas responsabilidades.

O que parece pertinente pensar, quando se fala em adulto em criança ou criança em adulto, é que as dificuldades de cada etapa da vida, o modo como encaram essas dificuldades, fazem com que se sintam vivendo uma determinada fase, ou que tenham um determinado sentimento mais que outro. Todavia, o que acho necessário lembrar aqui é também o modo como o discurso sobre o que é ser criança tem mudado nos últimos anos. Estando essas pessoas em constante contato com a ideologia moderna sobre infância, sendo as famílias com poucos recursos financeiros alvos de assistência social – infância de direitos –, parece pertinente que possam olhar para seu passado de criança

trabalhadora como período difícil, em que a infância (nos termos modernos) teve pouco espaço. Muito embora não se possa negar que a sua experiência tenha sido de fato de muito esforço, portanto de pouco espaço para o desejado lazer, é preciso lembrar como a memória elabora o passado envolvida com aspectos pertinentes no presente. A experiência e o entendimento dessa experiência de ser criança há 30 anos no Brasil certamente eram muito distintos do que se sobressai hoje, depois da formulação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Isso não quer dizer que as pessoas elaborem suas experiências unicamente apoiadas por tais mudanças: o que parece mais importante aqui é pensar que a infância não é uma experiência única, tampouco associada apenas com a idade.

O ponto de vista dos "pirraias"

Se por um lado alguns adolescentes diziam ter deixado de ser criança aos cinco ou seis anos, nenhum dos entrevistados com idade inferior a nove anos disse se ver como adulto ou como adolescente. Inclusive uma das meninas de nove anos, ao ouvir uma adolescente dizendo que uma pessoa com cinco anos poderia ser adulta, foi categórica na resposta: "Não, ela é criança; ela ainda é pequena, ainda tem cinco anos [...]."

Os entrevistados dizem que se consideram criança por vários motivos: porque não mandam em si ainda, porque gostam de brincar, porque são baderneiras; porque gostam de correria, de andar de um lado pra outro, porque ainda são pequenos, porque só tem nove anos, não têm a cabeça no futuro nem tem ainda a cabeça muito no lugar; gostam de brincar de boneca ainda, brincam desse negócio de bebê.

Carol, de dez anos, explica a diferença entre as idades:

C – Eu tenho dez anos só e eu ainda me sinto criança. Criança gosta de brincar, de fazer brincadeira, muita coisa, tem gosto de aprender aquilo que não tá fazendo... brinca de negócio assim de bebê... As criança assim, pequena, fica tudo gateando, brincando de correr.

R – A Laiza, tua sobrinha, é o quê?

C – A Laiza é mais criança que eu porque ela tem dois anos, só, ainda... ela entende das coisa menos que eu, porque se a pessoa manda [eu] ir ali de bicicleta, ela entende, mas ela quer ir junto. Dai ela não pode. Porque aquele lugar lá pode ser perigoso!

R – Isso ela não entende ainda?

C – Ela não sabe o que é perigoso, não. Não entende o que é batida de carro. O menino aí de trás morde ela, bate nela, ela também xinga... ela bate nele também, mas ela não sabe o que é implicância...

Assim, a pessoa tá ali brincando, chega outra e começa a dizer, eu vou brincar, que não sei o quê, começa a dizer isso, e a pessoa não vai brincar não. Ai a pessoa começa a perturbar, a bater, a fazer um monte de coisa e fica assim, não sei o quê, fica chateando o cara.

Pensa um momento, e diz: “É bom dar os passo pra ela, daí ela aprende e bota a cabeça no futuro.”

O desejo de ser e de não ser criança

Alguns dos meninos e meninas com quem convivi no campo (de seis a 11 anos) ora diziam entre eles e para alguns adultos que não eram mais crianças, ora se assumiam como tal, alegando que não podem fazer determinadas coisas porque “ainda sou criança”. Achei importante tentar entender em quais situações “ser criança” é desejado e em quais não o é.

Uma das reclamações entre eles era que não era bom ser criança porque “criança não pode fazer o que quer”. Muitas vezes os vi argumentando com os pais que queriam fazer determinada coisa, e persistiam, “teimando”. Sempre que algo parecia impossível, porque achavam que os pais não concordariam, buscavam um argumento forte que viabilizasse a realização do desejo, desistindo apenas quando percebiam que o esforço ia ser vão.

Por outro lado, ser criança, ou melhor, ser considerado ainda pequeno, permite ser mais apreciado como *performer* – quanto menor o corpo do *performer*, mais o público gosta e aplaude, revelaram. “O pessoal acha bonito uma pessoa tão pequena que dança muito. Daí apreciam mais.”

Ítalo fez bom uso disso. Desde os cinco anos, pôde acompanhar um grupo de capoeiristas sem gasto extra à mãe. Ganhava tudo do grupo, pois, segundo a mãe do garoto, o treinador e o próprio grupo diziam que gostavam muito dele por ser bom capoeirista; era um daqueles que o público mais aplaudia. As meninas da dança popular diziam que essa era uma vantagem também para elas, já que sentiam que o público gostava de bons dançarinos pequenos. Gal, de nove anos, era muito aplaudida, e as demais diziam que ela tinha as duas coisas que o público gostava: era “pequena e requebrava [dançava] muito”.

Entre alguns do grupo, o fato de serem pequenos fazia com que ganhassem atenção na rua, caso estivessem pedindo, como era o caso de Ninha e Chéu que, aos sete anos, alimentavam-se do dinheiro que ganhavam na rua, indo para casa apenas para tomar banho antes de irem à escola e para dormir.

Igualmente no *breakdance*, ser pequeno era ainda uma vantagem porque os mais leves podem fazer melhor alguns movimentos. Aqui, contudo, poderia haver uma desvantagem se acaso o dançarino não tivesse “músculos trabalhados”. Romário, de 11 anos, tinha todas as vantagens. Era pequeno, leve e, como iniciou muito cedo a fazer capoeira, tinha os músculos “bem firmes”. Um dos primos de Romário, ainda que mais jovem (8 anos de idade), era criticado pela mãe porque tinha o “corpo muito pesado”, e por isso não podia dançar com tanta habilidade.

Não era somente a relação com a dança e o público que os fazia gostarem de ser pequenos. Diziam que uma criança não precisa fazer tudo o que um adulto precisa. Não precisa trabalhar tanto ou cumprir tanto o horário, por exemplo. Viam isso como uma vantagem. Mostravam, entretanto, gosto mesmo era pelo fato de que podiam brincar mais, “aprender coisas boas” como dançar, tocar, jogar bola. O prazer deles se mostrava evidente quando estavam uns em companhia dos outros. Brincavam alegremente de inúmeras coisas, passavam horas a fio conversando sobre namoricos, amizade, escola, dança, violência, *hip-hop*, atropelamentos, sobre mortes de traficantes, sobre gostos próprios. Praticavam jogos corporais constantemente, ainda que tivessem pouco espaço para fazê-lo.³

Entre muitos deles, ser criança os impede de poder namorar. No entanto, o namorico, as conversas sobre ter namorado, dizer que gostam de alguém, são muito frequentes. “Ficar com alguém” é uma prática que, senão incentivada, bastante aceita entre estes, embora não entre seus pais. Esse ficar implica andar juntos, lado a lado, considerar a pessoa, ou seja, prestar mais atenção a ela no dia a dia. Pode ser, no entanto, também provar beijos e abraços, o primeiro toque de mão. Sempre há alguém por quem se interessam mais, e ficam “filmando” (observando) aquela pessoa, até que notam se há ou não possibilidade de aproximação e se serão ou não correspondidos. Quando o interesse é

³ Em Santo Amaro, tinham que jogar futebol na rua onde os carros passavam para sair do *shopping*; no Arruda, tinham uma rua ainda mais movimentada, fazendo-os recuarem para a beira de um canal enorme, onde desembocava o esgoto de vários bairros.

recíproco, olhares entre o casal vão explicitar isso; em alguns casos, chegam a assumir verbalmente que se gostam, e podem ser vistos em contato mais romântico. Na maioria das vezes, entretanto, fazem do estar junto um prazer mediado por brincadeiras entre todos, permitindo assim aproximação sem dar tanto na vista.

Na minha volta ao campo em novembro de 2006, convidei alguns dos *performers* a fazer parte de um grupo de aprendizado de vídeo, para que pudessem manobrar a câmera e produzir documentários. Meses depois, uma das participantes do grupo de vídeo saíra de todas as atividades porque se casara. Quando perguntei por ela, sua história foi contada por um dos colegas como uma novidade que surpreendera a todos. Disse que era uma fofoca que merecia ser contada. A garota era considerada “muito criança” entre os colegas. Apesar dos 14 anos, ao “invés de prestar atenção nas coisas que devia fazer, tá sempre brincando”, diziam. “Ela é muito criança mesmo.” O fato de a garota ter casado causou espanto não por ter apenas 14 anos. Outros entre eles tinham feito o mesmo, e até com menos idade. Era o comportamento que a garota apresentava que não lhe dava o direito de assumir coisas especificamente da vida dos adultos – ou daqueles que se mostraram maduros para tal. Dois dos colegas dela, ao contarem sobre sua decisão, riam muito e diziam “ela é muito pequena, muito nova”. Ela realmente era nova, ao menos sob o meu ponto de vista, mas pequena ela não era. Era a mais alta do grupo, e tinha um corpo bastante desenvolvido para o grupo de meninas com quem convivia diariamente.

A criança no ser

Apesar de reconhecerem que uma pessoa pode deixar de ser criança ainda com pouca idade, há também um entendimento geral de que uma pessoa nunca deixa totalmente de ser criança. Como vimos, muitos dos adultos entrevistados admitiram que ainda se consideram crianças, em alguns casos até mais que o puderam ser quando tinham poucos anos de idade. Nesse caso, recuperam a criança que existe em si assim que a vida lhes oferece oportunidade; decidem que podem voltar a brincar, a dançar, a dizer “bobagens”, contar piadas, viver uma vida mais alegre, despreocupada.

Aos poucos fui entendendo que ser criança é uma capacidade que se mantém sempre viva no ser, e que na biografia de uma pessoa vai se tornar mais ou menos visível, dependendo da atitude da mesma frente à vida. Mostrar o seu

lado de criança pode ser visto de forma positiva – especialmente quando uma pessoa “batalha pela vida”, mas ainda se permite brincar, sorrir, dançar, fazer piadas, dizer o que pensa espontaneamente. Mas também pode ser visto de forma negativa, caso a pessoa nunca assuma as responsabilidades que são delegadas a um adulto: são pessoas que nunca “crescem totalmente”, não “levam a vida muito a sério”, não se sustentam, não assumem o que querem da sua vida. Assim, uma pessoa pode passar uma vida sem se assumir como adulto.

Ser criança é uma condição intrínseca de cada ser e se manifesta mais em algumas pessoas, como as muito jovens (entre o nascimento e os primeiros dois anos de vida), os muito velhos (quanto mais idosa, mais criança uma pessoa é considerada), entre as que não assumem responsabilidades e competências consideradas devidas a cada um no grupo. Ainda se manifesta naqueles que mantêm vivo o gosto pelo lúdico e pelo riso. Nesse caso, ser criança não é privilégio de corpos pequenos ou da pouca idade. Ser ou não ser criança depende especialmente da aquisição, perda ou não aquisição de competências na *performance* corporal e de fala, ou na responsabilidade perante a vida, ou seja, na capacidade de ação do indivíduo.

Nas entrevistas e nas conversas com os *performers*, algumas questões se repetiam com frequência. As duas frases mais frequentes que ouvi foram: “ser criança é ser feliz” e “ser criança é se preocupar com o aprender”. Havia, no entanto, uma reconhecida brecha entre o real e o ideal desse “ser criança”.

A percepção que toda criança deva ser ou tenha sido pessoa feliz (por isso, veremos que muitas pessoas dizem não ter sido crianças, não terem tido infância quando pequenos), também se encontra no livro *Assombrações do Recife Velho*, de Gilberto Freyre (2000). O autor conta histórias que se remetem à criança como um eterno feliz. Aqui transcrevo trechos do conto do “Fantasma do menino feliz”:

Contou-me Dona Carmem de Souza Leão que na casa da família recifense muito das suas relações – e creio até que do seu parentesco – moradora em velha rua da Boa Vista, costumava há anos aparecer e desaparecer por encanto a figura de um lindo meninozinho, não me lembro se louro e cor-de-rosa, como os meninos Jesus flamengos, se moreno como um bom e belo brasileiro do norte. Brincava o fantasmazinho e sorria como se fosse menino vivo, rico e feliz. Neto em casa de avó. Era a mais bela das assombrações. Bela e difícil de ser explicada pela gente da casa onde aparecia: casa antiga a Boa Vista. Casa de gente sinhá e não à toa. Pois o fantasmazinho não intimidava pessoa alguma da casa

nem aterrorizava menino vivo nem pedia missa ou doce às senhoras de idade nem dava a impressão de ir quebrar porcelanas ou vidros caros da família, nem gemia nem suspirava como se estivesse sofrendo penas do outro mundo. Era o contrário dos fantasmas convencionais. Apenas sorria e brincava como se fosse criança ainda deste mundo. Pouco misterioso, deixava que a família chamasse conhecidos e vizinhos para vê-lo brincar. Não se incomodava com curiosos. Continuava a sorrir e a brincar. Até que, por encanto, desaparecia. Era quando as pessoas que acabavam de ver sorrir e brincar fantasmazinho tão sem jeito de fantasma de sessão de espiritismo ou de casa mal-assombrada, sentiam o frio do outro mundo arpejiá-las: quando o meninozinho desaparecia de repente, sumindo-se da vista dos vivos como qualquer fantasma de gente grande. Misterioso como qualquer assombração da história da alma-do-outro-mundo. Diz-se que mais de uma vez o meninozinho-fantasma pareceu querer beijar pessoas vivas. Beijo de filho em mãe, de neto em avó, de sobrinho em tio. (Freyre, 2000, p. 99).

Essa mesma referência é parte da definição de um dos adolescentes que disse ter deixado de ser criança aos cinco anos de idade:

Ser criança é uma coisa muito boa, porque a pessoa tá ali, tá aprendendo as coisa da vida, tá aprendendo vários negócio bom como jogar bola de gude, rodar pião, empinar pipa. A infância é muito boa pra quem teve essa infância.

No entanto, a felicidade que alega ser a infância se contrapõe à sua própria experiência:

Eu não tive não, porque a minha infância foi mais trabalho. Mas a infância deve ser muito boa, eu via os menino jogando bola... eu não podia jogar bola, não adianta, se eu fosse jogar bola eu ia ficar com fome em casa, dentro de casa. Aí tinha que correr atrás do que tem pra comer, arrumar o que tem pra comer. Às vezes eu comia até comida do lixo porque eu não tinha nada em casa pra comer. A minha vida foi muito triste mesmo. Mas também teve muita coisa boa... Oxe, interessante na minha vida... que o que eu passei, ninguém mais passou não.

Reconhecendo a singularidade da sua própria experiência, radical, o adolescente, no entanto, sabe que não está só. Disse num outro momento que ali nos arredores muita gente tem uma infância parecida com a dele. Quando lhe indaguei sobre o fato de ter trabalhado desde os cinco anos de idade, respondeu outra vez citando as dificuldades que passou e da criatividade que tinha para superar a falta de recursos.

Sem infância seria muito horrível porque sem infância... porque a infância é assim: o menino ser um menino alegre, um menino brincalhão, ter aquele momento de briga, aquele momento de tristeza, felicidade, jogar bola, correr, pedir um trocadinho à mãe pra comprar um picolé, ficar lá na frente conversando. E isso eu não tive; porque se eu vou pedir 50 centavos à minha mãe pra comprar um pão, aí mais tarde ela não tem 50 centavos pra comprar o pão. Aí, tava aí, fazer o quê? Se eu não tinha 50 centavos pra comprar o pão, eu pegava e ficava arrastando no chão [pegava] do lixo aquelas bolona assim, eu ficava raspando no chão, raspando, raspando, aí atorava o bico do prego, atorava e botava e ficava fazendo isso no chão e coisava [enrolava] uma linha de cordão de bermuda e rodava o pão. O meu pão era esse. Eu não tinha dinheiro pra comprar pão.

Ao mesmo tempo em que, analisando sua própria experiência, o rapaz alegou que sua infância foi bastante curta, parece ter clareza da importância de se viver essa fase da vida com mais alegria e mais brincadeiras. Numa das partes da entrevista, disse: “fui feliz na minha infância, não foi somente tristeza não”. Sua fala, no entanto, parece acatar que viver a infância é viver uma diversidade de experiências e sentimentos, e não somente “ser feliz”. Acata o paradoxal da vida.

A infância, como uma fase em que só se brinca e se aprende, faz parte de um discurso pouco vigente na vida concreta de muitos dos moradores de classes populares, mas é extremamente divulgada na mídia, no discurso das ONGs, nas escolas e, inclusive, é o que garante que famílias possam usufruir de bolsas-escola para sustentar o grupo. A idealização da infância vem se incrementando desde 1924, quando a Liga das Nações adotou a Declaração de Genebra sobre os Direitos da Criança, e a comunidade internacional assumiu uma série de compromissos em relação à criança para garantir o exercício de seus direitos: à sobrevivência, à saúde, à educação, à proteção e à participação, entre outros. Posteriormente, a Convenção sobre os Direitos da Criança, adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 1989, ratificada por 192 países, assumiu os mesmos compromissos. No Brasil, desde o ECA, promulgado em 1990, tornou-se possível o incremento dessa noção internacional de infância que, por um lado, criou políticas públicas que facilitam o acesso à educação, saúde, alimentação básica etc., e, por outro, desencadeou processos complexos de discriminação das diversidades do viver a infância. Essa idealidade, certamente, contrasta enormemente com a experiência de muitos dos meus informantes, e não somente daqueles que se recordam da sua infância.

Muitos dos “pirraias” que dizem ser essa uma fase de brincar e de aprender participam de atividades ou na casa, cuidando de irmãos e ajudando nos afazeres domésticos, e são responsáveis por bolsas-escola, em alguns casos tendo que ir duas vezes ao dia para a escola, para obter duas dessas bolsas. O que parece realmente mudar aqui é o modo como encaram tal fase, e o modo como experimentam a responsabilidade na infância e, mais que tudo, o discurso que rege as criminalizações do trabalho infantil, e qual tipo de trabalho é permitido ou não, já que vender balas na rua pode ser criminalizado, mas ser artista de TV não o é.

A performance como lugar do encontro do paradoxo do ser criança na contemporaneidade

Antes da preparação do Eco das Mulheres, um evento da ONG Grupo de Pé no Chão para comemorar o Dia Internacional da Mulher, algumas mães dos *performers* foram convidadas a preparar uma apresentação para o evento. No convite feito, várias delas reivindicavam a possibilidade de também poderem formar um grupo de tocadoras de tambor ou de dançarinas. Queriam, mais que assistir a seus filhos fazendo *performances*, elas mesmas ser protagonistas de *performances* artísticas. Insistiam que queriam também aprender a tocar percussão e a dançar. Essa era uma discussão que algumas delas tinham entre si antes desse evento. Nesse evento, então, formaram um pequeno grupo, que aprendeu alguns toques de percussão, e se apresentaram, ainda envergonhadas por ser essa sua primeira apresentação.

Terezinha, um dos membros desse grupo de mulheres percussionistas recém-formado, tinha me dito por que ela queria aprender percussão: “A gente também quer se divertir, também quer aprender coisas; também quer aprender a tocar [percussão].” Aquilo que tinham delegado à infância (aprender e divertir-se) era, portanto, assumido agora como um desejo de algumas mulheres. Por outro lado, também me disse que incentivava as filhas para tornarem-se boas artistas porque sabia que quanto mais uma pessoa sabe, mais recursos para sobreviver terá.

Considerava que seus filhos tinham muito mais oportunidades que ela mesma tivera quando na idade deles:

Se no tempo da idade de Carol, agora com nove anos, eu tivesse feito o que Carol faz hoje em dia, eu teria uma vida totalmente diferente. Porque, além de aprender uma coisa boa que se ela tiver força de vontade, e tiver vontade de aprender, ela mais tarde pode até passar para outras pessoas. Tanto a escrita, como a dança, a percussão. No meu tempo nada disso existia. Aí como poderia, como eu posso, eu não tive nem chance de estudar para aprender uma coisa melhor. O que eu sei é porque eu sou abelhuda, curiosa, e eu quero fazer e vou em frente e faço mesmo. Hoje em dia tudo o que aparecer em frente eu vou porque eu gosto de aprender. Se eu tivesse essas coisas há 20, 30 anos atrás, eu tava nessa vida cheia de menino...? Eu tava é nada, tava era viajando por aí, brincando, aprendendo muitas e muitas coisas, e numa boa, mesmo. Por isso que eu digo, que hoje é totalmente diferente. Não tem que trabalhar, tem estudo. O que eu queria que fizesse por mim, hoje eu faço por eles para eles não ficar igual a mim, na mesma situação que eu estou. Antigamente não tinha esse negócio de brincar, de estudar, hoje em dia eles saem, eles se divertem. A minha infância era muito privativa. Era mais trabalho mesmo a infância nossa. Hoje em dia os menino têm preguiça pra tudo. Vai lavar um prato hoje, reclama: mainha, eu já lavei ontem. Se na minha infância eu dissesse uma coisa dessas, vê se painho, mainha ia concordar?! Eu, com nove anos de idade, trabalhava cuidando dos meninos dos outros, em casa de família.

A fala de Terezinha também nos mostra como a *performance* artística parece ser uma possibilidade a mais para os filhos, certamente um modo de incrementar o capital cultural familiar e de garantir o futuro da criança.

A Carol, desde que começou a participar dessa dança [...], ela ganhou em sentido de responsabilidade, e em sentido de ir em frente, de ir em frente mesmo. Porque agora mesmo ela tá participando dessa aula de *break*; é uma vontade dela. Não fui eu quem mandei ela ir; não fui eu quem pedi; foi ela quem quis. Então quer dizer, se ela quer, se ela conseguiu participar e querer fazer, então é mais uma porta que tá se abrindo para ela amanhã.

O que parece essencial aqui é notar que, se por um lado a *performance* artística é o modo como ONGs encontram para efetivar os direitos das crianças de brincar e aprender, prolongando assim esse período, podendo essas “terem uma infância”, por outro, parece que também é a *performance* que serve para suportar o grupo, para tornar a criança responsável (um adulto, nos termos do grupo pesquisado). Eles têm que ter responsabilidade e “cabeça no lugar” para tornarem-se bons *performers*.

Por outro lado, os adultos parecem achar ali um bom meio de aproveitarem do lado bom da infância que existe no adulto: brincar, divertir-se, aprender novas coisas, ser feliz.

Assim, se por um lado os adultos parecem ver nas *performances* um lugar para vivenciarem seu lado infantil, para poderem brincar entre si, por outro lado, são as *performances* também lugar das crianças aprenderem a botar a cabeça no lugar, tomarem responsabilidades, prepararem-se para a fase adulta. Paradoxalmente, a *performance* é um espaço para crianças aprenderem, jogarem e viverem mais a infância, e um espaço onde a possibilidade de deixar de ser criança se concretiza. É preciso tomar o aprendizado e o ofício a sério, como ouvi tanto educadores aconselharem quanto as crianças e seus familiares dizerem entre si.

Para finalizar

A expressão “mas é criança em termos do quê?”, levantada pela mãe de um dos dançarinos, mostra bem que não se pode falar do tema sem um referencial específico, pois o termo parecia abranger muitos discursos e entendimentos. Foi essa abrangência que fui tentando entender nas narrativas e nas relações do grupo. E foi baseada nesse comentário, nas diferentes formas que ouvi falar sobre o tema no campo, que pude entender que o termo “criança” pode ser pensado como uma “rede semântica”, ou seja, que serviria para interligar significados de palavras, nos quais o significado não é produto de uma relação fechada entre significante e coisa (no sentido de uma realidade objetiva no universo físico), mas de uma rede de símbolos que se constrói na ação interpretativa (Good; Good, 1982, p. 147).

Adoto aqui o sentido dado por Good e Good (1980, 1982) e Good (1994) ao conceito de “rede semântica” – ou *semantic network* (Good; Good, 1982, p. 147). Embora os autores estejam discutindo o significado de enfermidade, o fato que entendem a mesma como uma experiência dotada de sentido para cada sujeito particular, em que é importante considerar a relação existente entre os sentidos individuais e a rede de significados inerentes a cada contexto cultural mais amplo ao qual pertencem os indivíduos, pareceu pertinente para pensar o uso do termo “criança”. Assim, a ideia de criança como uma rede semântica a colocaria, nos termos de Good e Good (1982), como uma

realidade construída através do processo de interpretação/significação, a qual se fundamenta na rede de significados que estrutura a própria cultura e suas subculturas.

Good (1994, p. 172) usa a noção de rede semântica para indicar que o significado da doença não é unívoco, mas um produto de interconexões. O autor aponta não mais apenas para síndrome de significados, mas também síndrome de experiências, palavras, sentimentos e ações dos diferentes membros de uma sociedade. Esse conjunto de elementos é condensado nos símbolos essenciais do léxico médico, o que implica que tal diversidade pode ser sintetizada e objetivada culturalmente. Segundo Good (1994, p. 172), as redes semânticas são estruturas profundas que ligam enfermidade a valores culturais fundamentais de uma cultura, permanecendo, ao mesmo tempo fora do conhecimento cultural explícito e da consciência dos membros que compõem a sociedade, se apresentando como naturais.

Usando a fundamentação da noção de redes semânticas, Good (1994) trata a enfermidade como uma narrativa oral e corporal, marcada por uma rede de perspectivas em que o texto resultante de um processo concreto de doença é parcialmente indeterminado e provoca uma resposta que não é dada nem por ele mesmo, nem pela vida mental de um leitor ou de uma comunidade de leitores. São lugares de densa rede semiótica, onde a experiência dos diversos atores está em questão. O autor enfatiza a heteroglossia e a subjetividade presentes na construção dessa narrativa, repleta de negociações e conflitos (Good, 1994, p. 178).

Espelhando-me em Good (1994) friso, então, que a palavra “criança” e a fase de vida chamada “infância”, em campo, parecem condensar visões advindas especialmente de um universo de especialistas, como assistentes sociais, psicólogos, professores, médicos, pesquisadores (o meu caso), agentes de organizações não governamentais nacionais e internacionais, agentes das políticas públicas, a mídia, turistas e do próprio grupo em questão (o grupo pesquisado), envolvendo os diferentes agentes que aí atuam. Caracterizam-se como um espaço de negociação, conflitos, interesses e poderes. Desse modo, chamo atenção para a importância de considerar a heteroglossia e a multiplicidade de vozes (Bakhtin, 1981, 1984) que podem conter quando se fala “criança”, essa palavra subjuntiva.

Referências

BAKHTIN, M. *The dialogic imagination*. Trans. C. Emerson and M. Holquist. Austin: University of Texas Press, 1981.

BAKHTIN, M. *Problems in Dostoevsky's poetics*. Ed. and transl. by Caryl Emerson. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984.

BAUMAN, R.; BRIGGS, C. L. Poetics and performance as critical perspectives on language and social life. *Annual Review of Anthropology*, v. 19, p. 59-88, 1990.

FREYRE, G. *Assombrações do Recife Velho*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

CALDEIRA, T. P. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Ed. 34: Edusp, 2002.

GOOD, B. J. *Medicine, rationality and experience: an anthropological perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

GOOD, B. J.; GOOD, M. J. D. The meaning of symptoms: a cultural hermeneutic model for clinical practice. In: EISENBERG, L.; KLEINMAN, A. (Ed.). *The relevance of social science for medicine*. Dordrecht: D. Reidel, 1980. p. 165-196.

GOOD, B. J.; GOOD, M. J. D. Toward a meaning-centered analysis of popular illness categories: ‘Fright Illness’ and ‘Heart Distress’ in Iran. In: MARSELLA, A. J.; WHITE, G. M. (Ed.). *Cultural conceptions of mental health and therapy*. Boston: Reidel, 1982. p. 141-166.

MINKS, A. *Interculturality in play and performance: Miskitu children's expressive practices on the Caribbean coast of Nicaragua*. Tese (Doutorado em Antropologia Social)—Columbia University, New York, 2006.

PEIRANO, M. (Org.). *O dito e o feito*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

SILVA, R. de C. O. da. *Superar no movimento: etnografia de performances de pirrâias em Recife e mais além*. Tese (Doutorado em Antropologia Social)– Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

Recebido em: 28/02/2010

Aprovado em: 26/06/2010